

ENTREVISTA NA HISTÓRIA ORAL E NO JORNALISMO

Joëlle Rouchou

Fundação Casa de Rui Barbosa/UniverCidade

A busca de definições no campo da Comunicação Social é fértil por sua vocação multidisciplinar, o que permite várias clivagens em seu corpo teórico. Um dos recursos mais utilizados por outras ciências sociais é a entrevista. Um rápido sobrevôo na bibliografia referente à Antropologia nos permite afirmar que todo seu trabalho de campo implica a utilização de entrevista com os objetos de estudo, seja em comunidades longínquas dos trópicos ou num grupo de estressados executivos no centro de São Paulo, por exemplo. Não trabalharemos aqui a visão antropológica, mas procuraremos entender a utilização da entrevista nos campos da História Oral e do Jornalismo. Há aproximação entre os dois? De que forma se entrecruzam?

A História Oral, na concepção de Janaína Amado, é “entendida como metodologia, e remete a uma dimensão teórica. Esta última evidentemente a transcende, e concerne à disciplina histórica como um todo.”¹ Há várias correntes divergentes na História Oral, o que favorece um debate teórico e prático rico em idéias e aplicações. Cada vez mais ganha espaço entre os historiadores e, como a Comunicação Social, transita em diversas áreas das Ciências Humanas. O ponto convergente para o uso da História Oral não é sempre a entrevista? Na Sociologia, na Antropologia e na História para se conhecer, recuperar ou rever um acontecimento já registrado – ou inédito – em manuais de História não se buscam fontes vivas, testemunhas, narrativas? E qual o uso da entrevista no Jornalismo? Não é também a primeira forma de contato com o fato que se vai descrever? Não se depende quase que exclusivamente dos relatos que são fornecidos pelos personagens que dele participaram?

Enquanto a História Oral organizou-se em associações que debatem os usos da metodologia, visando à melhor elaboração dentro da ética, das narrativas de vida dos entrevistados, o Jornalismo não construiu um pensamento científico sobre essa questão. Uma bibliografia antiga e rala aponta para algumas questões técnicas da entrevista, sem maiores preocupações éticas. Procuraremos aqui abordar alguns pontos que nos parecem importantes para pensar o uso da entrevista no jornalismo, a título de contribuição para pesquisadores interessados nessa discussão, e perceber diferenças e semelhanças com seu uso na História Oral.

Faz parte da profissão do jornalista ouvir as versões, as narrativas de seus entrevistados, para registrar fragmentos de sua vida, numa pequena matéria ou mesmo num perfil especial. Ou apenas ouvir sua versão para algum fato que se esteja cobrindo. Esse ouvido atento e respeitoso também

faz parte da profissão de historiador oral. A História Oral constrói uma legitimidade teórica no que diz respeito a fontes orais.

Ouvir o outro

O debate sobre as técnicas e as metodologias do Jornalismo não foram, a meu ver, profundamente elaboradas. Para discutir o uso da entrevista nas duas ciências, teremos de recorrer a algumas teorias da Comunicação, da Psicologia, da Lingüística, da Filosofia. O jornalismo, com o imediatismo que lhe é intrínseco, contraiu uma dívida com a teoria? Interessa-lhe qualquer tipo de embasamento teórico?

Recorre-se à metodologia da História Oral para ouvir as narrativas de vida dos entrevistados. Ouvir e conhecer as vivências, suas lutas e significados. Se a discussão teórica sobre rumos, metodologia e ética em História Oral parece estar longe de chegar ao fim, o trabalho de campo continua, e é um dos elementos mais fascinantes do projeto. Apesar da necessidade de um olhar crítico sobre os depoimentos, é inegável também o envolvimento com esses indivíduos. A História Oral – a História também - recorre a outras disciplinas, pede ajuda à Antropologia, enquadra os fatos e documentos dentro de um contexto que a Ciência Política pode ajudar a iluminar.

Essa relação entre o pesquisador e o jornalista deve basear-se em princípios mínimos de civilidade. Portelli exemplifica essa relação com seu trabalho de campo e oferece algumas reflexões sobre o comportamento ético do entrevistador. A dinâmica dessa discussão não está em nenhum manual de jornalismo. Não é uma questão no Jornalismo, nem nas redações – onde não há tempo para teorias – e o que parece ser mais alarmante, não entra no currículo obrigatório das faculdades de Comunicação. Pensar essa relação é tarefa dos jornalistas:

“(...)quando fazemos uma entrevista, invadimos a privacidade de outra pessoa e tomamos seu tempo. (...)meus colaboradores – os estudantes – me pediram: ‘Ensine-nos a fazer entrevistas’. (...) A única técnica que me ocorreu foi: ajam com educação. (...)A arte essencial do historiador oral é a arte de ouvir.”²

O jornalista também poderia pensar sua profissão como arte na qual a entrevista é seu principal agente. A pressa dos fechamentos impede que as entrevistas sejam trabalhadas pelo repórter como uma conversa que aponta para diversas possibilidades, e não apenas para aquela que motivou o entrevistador. Não nos referimos apenas às longas entrevistas publicadas em jornais e revistas, sempre atreladas a algum fato que justifique sua exibição. É preciso entender qual a função da entrevista, especificar do que trata esse instrumento tão caro à História Oral e fundamental para o Jornalismo. Poucas matérias de jornal apresentam-se sem a entrevista: por menor que seja a nota, a

notícia foi captada por uma entrevista, por telefone ou ao vivo. Será necessário apontar as diferenças e seus usos em cada área do conhecimento.

Mesmo entrevistas curtas, no gabinete de um advogado, na rua cobrindo um acidente, ou por telefone e correio eletrônico, a cortesia vai ao encontro da ética nesse tema. Quando falamos em sedução do entrevistado é disso que tratamos: estabelecer uma relação agradável, na qual o entrevistado sinta-se à vontade.

Aqui caberia abrir uma outra discussão, que seria a da autoria do texto em História Oral, uma vez que a relação é construída entre as duas partes: o oralista e seu colaborador. Mas talvez fosse mais produtivo entrar no ponto central do trabalho – entrevistas – não sem antes chamar atenção para esse ponto.

As entrevistas em História Oral podem ser múltiplas ou únicas. Esse procedimento vai depender do tipo de projeto a ser desenvolvido. O importante é que essas falas tenham consistência, que haja espontaneidade. A volta ao mesmo entrevistado é sempre benéfica, uma vez que sua memória será avivada com a primeira entrevista e novas lembranças deverão ser trazidas para um segundo, terceiro ou quarto encontro.

A História Oral oferece várias possibilidades, entre elas a História Oral de vida, a História Oral temática e a Tradição Oral. Na primeira categoria, a narrativa é o ponto mais importante, em que o testemunho é fonte de riqueza e de análise. Evita-se fazer perguntas; o que vai interessar é o que o entrevistado vai contar. No caso da História temática, vai ser levantado um fato, um acontecimento, e as entrevistas com as testemunhas, participantes ou simples espectadores do acontecimento vão limitar o discurso àquele fato, enquanto a tradição oral diz respeito a toda narrativa transmitida pela fala. Essas escolhas dentro da História Oral podem ser utilizadas simultaneamente, misturando histórias de vida e temáticas.

A História Oral, de uma riqueza extraordinária, é aquela que vem ligada a uma perspectiva de história social que trabalha com a experiência, homens, mulheres e crianças. Trabalha com os sujeitos que viveram fatos de diversas formas. Assim como a Revolução Francesa foi vivenciada, experimentada e rerepresentada de diferentes formas, imaginemos a quantidade de percepções que as pessoas têm a respeito de qualquer coisa. Assim, será possível, como veremos, analisar detalhadamente o processo de construção da identidade.

O Programa de História Oral do CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas - prevê, ao todo, seis etapas no processo da passagem do depoimento da forma oral para a escrita. São elas: transcrição, conferência de fidelidade, copidesque, leitura final,

datilografia e revisão de datilografia. Nas fichas estariam referências a trechos poucos claros, uma lista de nomes citados pelo entrevistado, descrição de gestos, expressões faciais, que dariam mais informações sobre o entrevistado.

Não se trata aqui apenas de técnicas de entrevista, mas há uma questão ética que deve estar presente permanentemente na discussão. Afinal, as entrevistas vão servir como documentos sobre os assuntos escolhidos. Janaína Amado resume bem essa questão:

“Conversar com os vivos implica, por parte do historiador, uma parcela muito maior de responsabilidade e compromisso, pois tudo aquilo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre pessoas e personagens históricos (como acontece quando o diálogo é com os mortos), mas trará conseqüências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais. Nesse sentido existe semelhança entre o trabalho dos historiadores que pesquisam fontes orais e o dos jornalistas, cujos textos também têm o imenso poder de influenciar direta ou indiretamente os destinos das pessoas e os desdobramentos dos fatos a que se referem.”³

Amado faz uma referência à semelhança entre historiadores e jornalistas num ponto que talvez mereça mais atenção por parte dos jornalistas: a influência da publicação dos relatos, sua utilidade como fonte para a história, influenciando nos destinos de nações. Essa dimensão da eternidade é pouco debatida entre jornalistas e levanta uma questão contundente, mas este não é – neste momento – seu foro de discussão.

Para que serve a entrevista em jornal? Ela deve ser editada? De que forma? Qual o tempo para esta entrevista ser publicada? Se o entrevistado pede “off” de determinado assunto, ele deve constar do texto final? Qual a estrutura da entrevista? Qual seu objetivo? Enquanto em História ainda se discute a cientificidade da História Oral, a entrevista pode ser um ponto de partida para novas descobertas, a confirmação de histórias já levantadas ou ainda mudanças de rumo em investigações em curso.

A entrevista é um dos instrumentos básicos do jornalista. É preciso entender qual a função da entrevista, especificar de que trata esse instrumento tão caro à História Oral e fundamental para o Jornalismo. Poucas matérias de jornal apresentam-se sem a entrevista; por menor que seja uma nota, a notícia foi captada por uma entrevista, por telefone ou ao vivo. Será necessário apontar as diferenças, e seus usos em cada área do conhecimento. Percebemos que a indústria cultural, a dinâmica própria do jornalismo, marcam uma diferença entre a História Oral e o Jornalismo, e tornam essas dessemelhanças cada vez mais claras. Enquanto o oralista prepara um documento minuciosamente, o jornalista também se preocupa com a minúcia, mas a difusão tem um papel

relevante que não se coloca para o historiador. As explicações ainda são insuficientes. A entrevista, a fonte oral, quando publicada, tem fé de documento.

Como se sabe, no jornalismo há pouco material publicado sobre entrevista. Enquanto em História é possível pensar a entrevista como questão, levantar calorosas discussões sobre a validade ou não da História Oral, construir teorias sobre o melhor uso desse instrumento, o Jornalismo discute essa questão com o pragmatismo de perceber a entrevista como uma técnica que faz parte da prática diária do ofício do jornalista.

Um passeio pelas redações ou salas de aula de Jornalismo permite afirmar que não são sempre claros a função do jornalista diante do entrevistado e o modo de conduzir uma entrevista. Manuais de redação ensinam como devem ser tecnicamente as entrevistas, perguntas curtas, incisivas, agressivas, mais contundentes, ou ainda, como ganhar a confiança do entrevistado. Os historiadores preparam uma hermenêutica da oralidade, criam manuais de transcrição de entrevistas. Talvez fosse um bom momento também pensar sobre a função da entrevista em jornal, pois percebemos, neste momento em que convivemos com novas tecnologias, que os jornais tornaram-se referência, material didático em escolas primárias, secundárias e nas universidades.

É necessário lembrar que entrevistas publicadas em jornais, ouvidas em rádios e até mesmo as televisionadas transformam-se em documentos históricos, uma vez que vão testemunhar opiniões, contextualizar fatos, e servem a pesquisadores de várias disciplinas. Daí a necessidade de uma ética profissional mais contundente do jornalista e uma atitude mais responsável em relação às entrevistas.

A diferença é que o historiador tem o tempo do seu lado. O jornalista joga contra o tempo. A urgência da impressão, da difusão da notícia, talvez seja uma das causas da pouca análise no trato da entrevista. Edgar Morin classificou quatro tipos de entrevistas:

- 1) a entrevista-rito. “Trata-se de obter uma palavra, que de resto não tem outra importância senão a de ser pronunciadas *hic et nunc*.”
- 2) a entrevista-anedótica. “Muitas, sem dúvida a maioria, das entrevistas de vedetes são conversas frívolas, ineptas, complacentes, em que o entrevistador busca a anedota picante, faz perguntas tolas sobre as fofocas e os projetos, em que o entrevistador e o entrevistado permanecem deliberadamente fora de tudo que possa comprometer. Esta entrevista se situa no nível dos mexericos.”
- 3) a entrevista-diálogo. “Em certos casos felizes, a entrevista transforma-se em diálogo. Este diálogo é mais que uma conversa mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode estar relacionada à pessoa do entrevistado ou a um problema.”
- 4) as neconfissões. “Aqui o entrevistador se apaga diante do entrevistado. Este não continua na superfície de si mesmo, mas efetua, deliberadamente ou não, o mergulho interior.”⁴

Esta classificação mostra, nas entrevistas 3 e 4, a semelhança entre a História Oral e o jornalismo. Não é de um diálogo que trata a História Oral? Não se deseja que o entrevistador se entregue à sua memória contando tudo que sabe e quer sobre um determinado assunto? O objetivo é diferente. Enquanto em jornal busca-se trazer novidade ao público ou apresentar-lhe um personagem, a entrevista em História Oral faz parte do projeto maior: um estudo sobre um tema preestabelecido. Ela é um elemento a mais que os sujeitos históricos conseguiram produzir para se conhecerem, para ampliarem seu modo de olhar o social.

Cremilda Medina vai além da classificação de Morin, oferecendo subdivisões dos gêneros descritos pelo filósofo, entre elas as entrevistas conceitual, enquete, investigativa, confrontação-polemização, perfis humanizados.⁵ Medina estabelece fronteiras entre o uso da entrevista jornalística e o uso da entrevista nas Ciências Sociais.

“Nas Ciências Sociais, quando se faz uma enquete, uma pesquisa de campo, a técnica de amostragem é rigorosa. No Jornalismo, embora se dê alguma aparência de representatividade, o aleatório é o específico. (...) Por mais ambição de historiador que tenha o entrevistador, ele estará implicado em tocar o presente(atualidade); as Ciências Sociais são ambiciosas ao tentar recapturar o tempo e o espaço do homem. O jornalismo lida, fatalmente, com as contingências da presentificação.”⁶

Outra classificação é sugerida por um jornalista francês em seu *Guia da escrita jornalística*. Enquanto enumera os passos que devem ser dados pelo jornalista, apresenta diferentes tipos de entrevistas:

“- Informativa: que pode ser integrada numa reportagem. Trata-se de reconstruir um fato ao qual não se assistiu. Após ouvir as falas de quem assistiu, o jornalista verificará com outras fontes.(...)
- De fundo (opinião): buscam-se respostas de uma pessoa que, por experiência, por sua função, tem um ponto de vista particularmente esclarecedor sobre uma situação. (...)
- Perfil: Descreve-se a vida e os hábitos da pessoa entrevistada.
- Expressa: três ou quatro perguntas apenas, com respostas muito curtas. O que interessa é que as respostas tragam valor agregado: revelações, opiniões inesperadas ou corajosas, novidades.”⁷

Após a leitura de Medina, de Morin, dos historiadores, reler as entrevistas publicadas no livro *A arte da entrevista*, organizado por Fábio Altman,⁸ é possível perceber a diferença profunda entre a entrevista na História Oral e no jornalismo... Não se trata aqui de analisar as técnicas de execução dessa entrevista. Não há dúvida de que o jornalista detém técnicas que a rotina lhe forneceu para fazer entrevistas boas e completas, com todos os limites éticos que essa tarefa encerra. Mas as semelhanças parecem terminar aí. A seqüência do trabalho, isto é, transcrever,

escrever, redigir, é totalmente diferente. Enquanto o historiador oral, como já vimos, está preocupado em ser o mais fiel à realidade das palavras e da situação, uma vez que trata o texto da entrevista como transcrição, o jornalista vai editar a reportagem, ou seja, remontá-la de acordo com os critérios noticiosos. Os fatos mais interessantes, mesmo que contados no fim da entrevista, devem abrir o texto que será publicado, sem com isso ferir as regras do jogo do diálogo entre entrevistador e entrevistado. São as regras do jornalismo, segundo as quais o *lead* tem de incluir o que foi apurado de mais novo, que chame a atenção do leitor.

A História Oral que utiliza a entrevista- um método criativo e cooperativo - quebra as barreiras entre a história acadêmica e o mundo exterior. É uma história do povo, construída em volta dele e por ele: é um meio de transformação radical da significação social da história. Esse movimento encontra adeptos nos militantes de todo tipo de movimento: feminista, sindicalista, analfabetos, excluídos, minorias, operários. A História Oral só se faz na democracia, dando voz àqueles que tiveram que se calar.

Na verdade, o conteúdo depende do momento em que se grava a entrevista e da época em que esta é gerada. O conteúdo da fala do entrevistado depende também da relação entre o entrevistador e o entrevistado. A idéia de que o testemunho se faz da relação com o testemunho, mas também as questões explícitas e implícitas do entrevistador definem o que é efetivamente dizível. A subjetividade do entrevistador (historiador, jornalista) que pergunta está imbricada na do entrevistado. O resultado é que a interpretação da fonte oral é extremamente complexa. A dificuldade da crítica das fontes orais, portanto de sua interpretação, vem da hesitação em atribuir o resultado do discurso que o entrevistado teve com seu entrevistador ou dos caprichos da memória do indivíduo, ou ainda da ausência de eco na memória coletiva? Ou à combinação de vários fatores? Não se vai buscar uma verdade totalizante, mas a interpretação, o ponto do vista do entrevistado que se selecionou para ouvir.

“(…)trabalhamos com a interação do social e do pessoal, trabalhamos com a interação da narrativa, da imaginação e da subjetividade, por um lado e, por outro, com fatos razoavelmente comprovados.(...)A História Oral não mais trata de fatos que transcendem a interferência da subjetividade; a História Oral *trata* da subjetividade, memória, discurso e diálogo.”⁹

NOTAS

¹ AMADO, J., e FERREIRA, M,orgs ,*Usos e abusos da História Oral*, Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, p VIII.

² PORTELLI, A.,UUTentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a Ética na História Oral, in ANTONACCI, M. A., e PERELMUTTER, D. ,*Projeto História n°15*, PUC SP, São Paulo, abril 1997. p 22.

³ AMADO, Janaína, “A culpa nossa de cada dia: ética e História Oral”. In PERELMUTTER, D. & ANTONACCI, M A (org.), *Ética e História Oral*. Coleção: Projeto História 15. São Paulo, Educ., 1997. P.145-155.

⁴ MORIN, E., A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham et alii., *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis. Vozes, 1973.

⁵ MEDINA, Cremilda., *Entrevista: o diálogo possível*, São Paulo, ed. Ática, 1990.

⁶ MEDINA, C., id. p.18-19.

⁷ MARTIN-LAGARDETTE, J-L, *Guia da escrita jornalística*. 2000, p. 111.

⁸ ALTMAN, F., *A arte da entrevista*, São Paulo, Scritta, 1995.

⁹ PORTELLI, op. cit., p. 25.